



**ANANSI**

Revista de Filosofia, Salvador.  
Universidade do Estado da Bahia  
ISSN: 2675-8385

## A Relação do Indivíduo com o Universo <sup>1</sup>

*The Relation of the Individual to the Universe* <sup>2</sup>

**Rabindranath Tagore** <sup>3</sup>

Tradução de Pedro Farias Mentor <sup>4</sup> e Notas de Otávio S.R.D. Maciel <sup>5</sup>

Foi dentro das muralhas citadinas que a civilização grega se nutriu. De fato, todas as civilizações modernas tiveram seus berços confeccionados com tijolos e argamassa.

Essas muralhas deixaram suas marcas no fundo da mente do ser humano. Elas produziram um princípio de “dividir para governar” em nosso pensamento que gerou um hábito de proteger todas nossas conquistas através do seu fortalecimento e isolamento. Dividimos Nação de Nação, conhecimento de conhecimento, homem da natureza. Isso criou um sentimento de suspeita muito forte em relação a tudo o que está além das barreiras que construímos, e tudo precisa passar por um longo processo para que as reconheçamos.

Quando os primeiros invasores arianos apareceram na Índia, essa era uma terra vasta de florestas, e os recém-chegados rapidamente se aproveitaram dela. Essas florestas proporcionaram-lhes abrigo contra o calor forte do sol e contra as vinganças das tempestades tropicais, pastagens para o gado, combustível para o fogo sacrificial e materiais

---

<sup>1</sup> O seguinte ensaio de Tagore versa sobre as especificidades do pensamento indiano em contraste com a filosofia ocidental. Segundo o autor, a relação da humanidade para com a natureza marca uma continuidade e uma preocupação de integração que perpassa a conduta e a reflexão na Índia. A realização humana dependeria de uma visão integral entre a consciência e o mundo que ela está situada: uma diminuição do autoengrandecimento humano seria a melhor forma de compreender o Ser e vivê-lo em suas múltiplas manifestações e infinitude. Em favor dessa tese, o autor se volta para algumas passagens dos Upanishades e da vida de Shakyamuni, o Buda histórico.

<sup>2</sup> Trabalho originalmente publicado no livro *Sadhana: The Realisation of Life* pp. 03 – 22. Disponível em: <<https://www.spiritualbee.com/media/sadhana-by-tagore.pdf>>.

<sup>3</sup> রবীন্দ্রনাথ ঠাকুর, Rabindranath Tagore, foi um poeta, dramaturgo, filósofo e músico bengali que viveu entre 1861 – 1941, conhecido especialmente por ser o primeiro não-europeu a ser laureado com o Nobel da Literatura. Entre suas obras mais conhecidas estão seus trabalhos poéticos, críticas ao imperialismo britânico e defesa da cultura indiana.

<sup>4</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: [pedrofariasmentor@gmail.com](mailto:pedrofariasmentor@gmail.com).

<sup>5</sup> Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: [oe.maciel@gmail.com](mailto:oe.maciel@gmail.com).

para a construção de chalés. Diversos clãs arianos com suas mentalidades patriarcais se estabeleceram em diferentes áreas florestais que possuíam algumas vantagens de proteção natural, comida e água em abundância.

Assim, na Índia, foram nas florestas que nossa civilização nasceu, ela tomou um caminho muito particular tanto de origem quanto de ambiente. Estava ela rodeada, alimentada e vestida pela vastidão da vida natural, além de possuir um relacionamento mais próximo e constante com seus vários aspectos.

Tal vida, pode-se pensar, tende a ter o efeito de entorpecer a inteligência humana e mortificar os incentivos ao progresso, diminuindo os padrões de existência. Mas na Índia Antiga, descobrimos que as circunstâncias da vida na floresta não obscureceram a mente do homem, e não enfraqueceram sua força, apenas lhe deu uma direção particular. Tendo estado em contato constante com o crescimento vivo da natureza, sua mente estava livre do desejo de estender seu domínio erguendo barreiras ao redor de suas aquisições. Seus objetivos não eram conquistar, mas realizar, ampliar sua consciência pelo crescimento com e ao seu redor. Ele sentiu que a verdade é toda compreensiva, que não há tal coisa como isolamento absoluto na existência, e a única forma de alcançar a verdade é pela interpenetração do nosso ser em todos os objetos. Perceber essa harmonia grandiosa entre o espírito do homem e o espírito do mundo foi o esforço dos habitantes das florestas da Índia Antiga.

Nos últimos tempos, estas florestas primitivas deram lugar aos campos de cultivo, cidades ricas surgiram de todos os lados. Poderosos reinos como capacidade de comunicação com todas as grandes potências do mundo foram erigidos. Mas mesmo no auge da sua prosperidade material, o coração da Índia sempre olhou para o ideal originário de autorrealização extenuante e a dignidade da vida simples e eremítica da floresta com admiração e de sua sabedoria armazenada inspirou-se.

O Ocidente parece orgulhar-se de pensar que estão subjugando a natureza; como se estivéssemos vivendo em um mundo hostil onde temos de lutar contra tudo o que queremos por meio da má vontade e da alienação das coisas. Tal sentimento é fruto do hábito das muralhas da cidade e de um condicionamento mental. Porque na vida da cidade o homem dirige a mente em direção a sua própria vida e trabalho, criando uma dissociação artificial entre ele e a Natureza Universal em cujo seio ele se encontra.

Mas na Índia a interpretação é diferente; ela inclui o mundo com o homem como uma Grande Verdade. A Índia enfatizou a harmonia que existe entre o individual e o universal. Ela sentiu que não poderíamos ter nenhuma comunicação com o nosso arredor se ele fosse absolutamente estranho para nós. A reclamação do homem contra a natureza é que ele precisa satisfazer a maior parte de suas necessidades por meio de seu próprio esforço. Sim, mas seu esforço não é em vão; todos os dias ele colhe resultados e isso mostra que há uma

conexão racional entre ele e a natureza, porque jamais podemos fazer algo por nossa conta, exceto o que é verdadeiramente relacionado a nós.

Podemos olhar uma estrada a partir de dois pontos de vista. Um desses olhares acredita que o caminho nos afasta do objeto de nosso desejo; nesse caso, contamos cada passo da nossa jornada como algo alcançado pela força em face da obstrução. O outro acredita que a estrada nos leva ao nosso destino; e como tal, faz parte do nosso objetivo. Ela já é o início da nossa realização, e nos aventurando nela, podemos ganhar o que ela mesmo nos oferece. Esse último ponto de vista é o da Índia em relação à natureza. Para ela, o fato supremo é que estamos em harmonia com a natureza; o homem pode pensar porque seus pensamentos estão em harmonia com as coisas; ele só pode usar a força da natureza para seu proveito apenas porque seu poder está atrelado a harmonia com o poder que é universal, e que, a longo prazo, seu propósito nunca pode bater contra o propósito que funciona através da natureza.

No Ocidente a sensação que prevalece é que a natureza pertence exclusivamente às coisas inanimadas e às bestas, que há uma ruptura repentina e inexplicável onde começa a natureza humana. De acordo com ela, tudo o que está abaixo da escala dos seres é meramente natureza, e tudo o que tem a marca da perfeição, intelectual ou moral, é natureza humana. É como desmanchar o botão e a flor em duas categorias separadas, e atribuir sua graça a dois princípios diferentes e antitéticos. Contudo, a mente indiana jamais teve nenhuma hesitação em reconhecer seu parentesco com a natureza, sua conexão inquebrável com tudo.

A unidade fundamental da criação não fora apenas uma especulação filosófica na Índia; alcançar essa grande harmonia no sentimento e na ação era seu objetivo de vida. Com mediação, com uma regulação da vida, ela cultivou sua consciência de tal forma que tudo possuía um significado espiritual. A terra, a água e a luz, os frutos e as flores não eram fenômenos meramente físicos a serem usados e deixados de lado. Eram necessários para ela atingir seu ideal de perfeição, pois cada nota é necessária para a completude da sinfonia. Intuitivamente, a Índia sentiu que o fato essencial deste mundo tem significado vital para nós; precisamos estar plenamente atentos e estabelecer uma relação consciente com ele, não apenas impelidos pela curiosidade científica ou a ganância da vantagem material, mas percebendo-o pelo espírito de simpatia.

O homem da ciência sabe, de um lado, que o mundo não se limita ao que aparece aos nossos sentidos; ele sabe que a terra e água são o jogo de forças que se manifestam a nós como terra e água - tal qual podemos apreender parcialmente. Da mesma forma, o homem que tem seus olhos espirituais abertos sabe que a verdade última a respeito da terra e água está na nossa compreensão da vontade eterna que opera no tempo e informa as forças por trás do nosso entendimento dessas manifestações. Este não é um conhecimento tal qual a

ciência, mas um preceito da alma pela alma. Não nos leva ao poder, com o conhecimento é capaz de fazer, mas nos proporciona alegria, que é o produto da união de um parentesco. O homem, cuja convivência com o mundo não o leva mais fundo do que a ciência é capaz, jamais compreenderá o que o homem de visão espiritual encontra nesses fenômenos naturais. A água não purifica apenas seus membros, mas purifica seu coração, pois toca sua alma. A terra não apenas mantém seu corpo, como agrada sua mente; pois o contato é mais do que um contato físico – é uma presença viva.

Quando o homem não reconhece seu parentesco com o mundo, vive numa casa-presídio cujo as paredes são alheias a ele. Quando conhece o espírito eterno em todos os objetos, então ele é emancipado, pois então descobre o significado mais completo do mundo que nascera; então ele se encontra na verdade perfeita, e sua harmonia com o todo é instituída. Na Índia, os homens são encorajados a estarem totalmente despertos para o fato de que estão em relação próxima às coisas ao seu redor, de corpo e de alma, e que eles devem saudar o sol da manhã, água corrente e a terra frutífera como manifestações da verdade viva que os acalenta em seu abraço. Logo, o texto de nossa meditação cotidiana é o Gayatri<sup>6</sup>, o versículo considerado a epítome de todos os Vedas. Com sua ajuda, tentamos realizar a unidade essencial do mundo com a alma consciente do homem; aprendemos a perceber a unidade mantida pelo único Espírito Eterno, cujo o poder criou a terra, o céu e as estrelas, e ao mesmo tempo ilumina nossa mente com a luz da consciência que move e existe em continuidade ininterrupta com o mundo exterior.

Não procede que a Índia tentou ignorar as diferenças de valor em coisas diferentes, pois ela sabe que isso tornaria a vida impossível. O sentimento de superioridade do homem na escala da criação não esteve ausente de sua mente. Mas ela teve sua própria ideia daquilo em que realmente consiste a sua superioridade. Não está no poder de posse, mas no poder de união. Portanto, a Índia escolheu seus lugares de peregrinação onde quer que houvesse na natureza alguma grandeza ou beleza especial, de modo que sua mente pudesse sair de seu mundo de necessidades estreitas e perceber seu lugar no infinito. Por isso, na Índia, todo um povo que antes era carnívoro desistia de comer ração animal para cultivar o sentimento de simpatia universal pela vida, acontecimento único na história da humanidade.

A Índia sabia disso quando, por barreiras físicas e mentais, nos separamos violentamente da vida inesgotável da natureza; quando nos tornamos meramente humanos, mas não humanos-no-universo, criamos problemas desconcertantes e, tendo nos afastados

---

<sup>6</sup> N.T.: Tagore faz referência ao *Gayatri Mantra*, que aparece no Rigveda, o mais antigo dos textos do hinduísmo. Se trata de uma oração repetida na forma de versos (*mantra*) saudando a Savitur, uma divindade solar hindu, associado também com a deusa solar Gayatri. Podemos oferecer uma tradução livre do mantra: “meditamos na glória auspiciosa de Savitur [o “sol radiante”]; que ele/ela inspire nossa compreensão”. Assim como outros mantras indianos, geralmente é recitado ou cantado ao menos 108 vezes.

da solução, tentamos todos os tipos de métodos artificiais, cada um dos quais trouxeram sua própria safra de dificuldades intermináveis. Quando o homem deixou seu lugar de descanso na natureza universal, quando ele caminhou na corda única da humanidade, significou uma dança ou uma queda para ele, onde ele teve de forçar incessantemente todos os nervos e músculos para manter o equilíbrio a cada passo, e então, nos intervalos de seu cansaço, fulminar contra a Providência e sentir um orgulho secreto e satisfatório em pensar que foi tratado injustamente pela forma como o todo está organizado.

Mas isso não pode durar para sempre. O homem deve compreender a totalidade de sua existência, seu lugar no infinito; ele deve saber que, por mais que viva, nunca poderá criar seu mel dentro das células de sua colmeia; pois o suprimento perene de sua vida está fora de suas muralhas. Ele deve saber que quando o homem se exclui do toque vitalizante e purificador do infinito seu sustento e sua cura recai sobre si, ele é incitado à loucura, se rasga em pedaços e come sua própria substância. Privado do Todo, seu estado de pobreza perde sua qualidade suprema que é a simplicidade, e se torna esquelética e envergonhada. Sua riqueza não é mais magnânima; torna-se extravagante. Seus apetites não atendem a sua vida, limitando-se aos próprios desígnios; elas se tornam um fim em si mesmas e colocam fogo na vida humana e tocam violino à luz sinistra da conflagração<sup>7</sup>. É nesse momento que, em nossa autoexpressão, tentamos assustar e não atrair; na arte, esforçamo-nos para a originalidade e perdemos de vista a verdade que é velha, mas sempre nova; na literatura, perdemos a visão completa do homem, que é simples e, no entanto, grande, ele aparece como um problema psicológico ou a corporificação de uma paixão intensa devido sua anormalidade e porque é exibido sob o brilho de uma luz ferozmente enfática, que é artificial. Quando a consciência do homem está restrita apenas à vizinhança imediata de seu eu humano, as raízes mais profundas de sua natureza não encontram seu solo permanente, seu espírito está sempre à beira da fome e, no lugar de força saudável ele se enreda em uma série de estímulos. É aqui que o homem perde sua perspectiva interna e mede sua grandeza por quantidade e não por seu vínculo vital com o infinito, julga sua atividade por seu movimento e não pelo repouso da perfeição – o repouso que está nos céus estrelados, na cadência fluída e eterna da dança da criança.

A primeira invasão da Índia tem o seu paralelo exato na invasão da América pelos colonos europeus. Eles também foram confrontados com florestas primitivas e uma luta feroz contra as raças autóctones. Mas esta luta entre o homem e o homem, e o homem e a natureza perdurou; eles nunca chegaram a qualquer consenso. Na Índia, as florestas que eram a habitação dos bárbaros tornaram-se o santuário dos sábios, mas na América essas

---

<sup>7</sup> N.T.: Provavelmente Tagore está fazendo referência ao Imperador Nero. Diz-se que ele colocou fogo em Roma, sua própria capital, e ficou tocando violino, maravilhado com as chamas, enquanto a cidade queimava e os cidadãos morriam.

grandiosas catedrais vivas da natureza não tinham um significado mais profundo. Elas trouxeram-lhe riqueza e poder, e talvez por vezes proporcionaram o gozo da beleza, e inspiração a um poeta solitário. As florestas nunca adquiriram uma associação sagrada nos corações dos homens como o local de alguma grande reconciliação espiritual onde a alma do homem tem o seu lugar de encontro com a alma do mundo.

Não desejo por um momento sugerir que estas coisas deveriam ter sido de outra forma. Seria um completo desperdício de oportunidades se a história se repetisse exatamente da mesma maneira em todos os lugares. É melhor para o comércio do espírito, que as pessoas com uma localização geográfica diferente tragam os seus diferentes produtos para o mercado da humanidade, cada um dos quais é complementar e necessário aos outros. Tudo o que desejo dizer é que a Índia, no início da sua trajetória, encontrou uma combinação especial de circunstâncias que não lhe foi perdida. Ela tinha, de acordo com as suas oportunidades, pensado, ponderado, lutado e sofrido, mergulhado nas profundezas da existência, e alcançou algo que certamente não pode ser sem o seu valor para pessoas cuja evolução na história tomou um rumo completamente diferente. Para o seu crescimento perfeito, o homem requer todos os elementos vivos que constituem a sua vida complexa; é por isso que a sua comida tem de ser cultivada em diferentes campos e fontes.

A civilização é uma espécie de molde que cada nação está ocupada em moldar os seus homens e mulheres de acordo com o seu melhor ideal. Todas as suas instituições, a sua legislatura, o seu padrão de aprovação e condenação, os seus ensinamentos conscientes e inconscientes tendem para esse objetivo. A civilização moderna do Ocidente, por todos os seus esforços organizados, vem tentando produzir homens perfeitos em eficiência física, intelectual e moral. Aí, as vastas energias das nações são empregadas para estender o poder do homem sobre o seu meio, e as pessoas se valem de todas as suas faculdades para possuir e contar o que podem colocar nas mãos, a fim de superar todos os obstáculos em seu caminho de conquista. Estão sempre se disciplinando para combater a natureza e outras raças; os seus armamentos estão ficando mais e mais estupendos a cada dia; as suas máquinas, aparelhos, e organizações continuam a multiplicar-se a um ritmo espantoso. Esta é uma realização esplêndida, sem dúvida, uma maravilhosa manifestação da maestria do homem que não conhece nenhum obstáculo, e que tem por objetivo a supremacia de si próprio sobre tudo o resto.

A antiga civilização da Índia tinha seu próprio ideal de perfeição, para o qual seus esforços eram direcionados. Seu objetivo não era alcançar o poder e por isso negligenciou cultivar ao máximo suas capacidades de organização dos homens para fins defensivos, ofensivos, cooperação na aquisição de riquezas e para a ascensão militar e política. O ideal que a Índia tentou realizar levou seus melhores homens ao isolamento de uma vida contemplativa, e os tesouros que ela ganhou para a humanidade ao penetrar nos mistérios



qual ele se orgulha de ser mais do que todos os outros, aí ele está alienado desse Espírito. É por isso que os Upanishades<sup>10</sup> descrevem aqueles que atingiram o objetivo da vida humana como “pacíficos” (Prajantāh) e como “unos com Deus” (Yuktātmānah), o que significa que estão em perfeita harmonia com o homem e a natureza e, portanto, não perturbando a união com Deus.

Temos um vislumbre da mesma verdade nos ensinamentos de Jesus quando ele diz: "É mais fácil um camelo passar pelo aro de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu"<sup>11</sup> - o que implica que tudo o que acumulamos para nós nos afasta dos outros; nossas posses são nossas limitações. Aquele que está inclinado a acumular riquezas é incapaz, com seu ego continuamente inchado, de passar pelos portões da compreensão do mundo espiritual, que é o mundo da perfeita harmonia; ele está fechado dentro das paredes estreitas de suas aquisições limitadas.

Portanto, o espírito dos ensinamentos dos Upanishades é: Para encontrá-lo, você deve abraçar a todos. Na busca da riqueza você realmente abre mão de tudo para ganhar algumas coisas, e não é assim que se chega àquele que é completo.

Alguns filósofos modernos da Europa, que estão direta ou indiretamente em dívida com os Upanishades, longe de se darem conta de sua dívida, sustentam que o brahman<sup>12</sup> da Índia é uma mera abstração, uma negação de tudo o que existe no mundo. Em uma palavra, que o Ser Infinito não pode ser encontrado em lugar algum, exceto na metafísica. Pode ser que tal doutrina tenha prevalecido e ainda seja predominante entre alguns de nossos compatriotas. Mas isso certamente não está de acordo com o espírito penetrante da mente indiana. Em vez disso, é a prática de perceber e afirmar a presença do infinito em todas as coisas que tem sido sua inspiração constante.

Somos instruídos a:

---

<sup>10</sup> N.T.: Os conhecidos Upanishades são uma camada textual tardia dos Vedas, frutos das reflexões filosóficas acerca dos hinos, liturgias e comentários elaborados pelos rishis (sábios) e pelos brâmanes (os sacerdotes) ao longo de séculos. São mais de cem textos principais, versando sobre todos os assuntos filosóficos, desde ética, política e moral até a cosmologia, teologia e metafísica.

<sup>11</sup> N.T.: Referência a Mateus, 19:24.

<sup>12</sup> N.T.: Parece haver uma confusão editorial no texto publicado originalmente em inglês. Tagore está fazendo referência ao princípio da realidade conhecido como ब्रह्मन् [brahman], que é distinto da divindade criadora ब्रह्मा [Brahmā]. Todas as divindades, animais e humanos existem no brahman como este próprio tecido da realidade, incluindo aqui a figura específica do Deus Brahma, do Deus Shiva, da Deusa Lakshmi etc., entre outros existentes.



*“Ver tudo o que existe no mundo como sendo envolvido por Deus. Eu me curvo repetidamente a Deus que está no fogo e na água, que permeia o mundo inteiro, que está nas safras anuais, bem como nas árvores perenes”.<sup>13</sup>*

Pode Deus ser abstraído do mundo? Em vez disso, significa não apenas vê-lo em todas as coisas, mas saudá-lo em todos os objetos do mundo. A atitude do homem consciente de Deus dos Upanishades para com o universo é de um profundo sentimento de adoração. Seu objeto de adoração está presente em todos os lugares. É a única verdade viva que torna todas as realidades verdadeiras. Esta verdade não é apenas de conhecimento, mas de devoção. 'Namonamah' - nós nos curvamos a ele em todos os lugares, e continuamente. É reconhecido na explosão do Rishi, que se dirige ao mundo inteiro em um êxtase repentino de alegria:

*“Ouça-me, filhos do Espírito Imortal, vocês que vivem na morada celestial, eu conheci a Pessoa Suprema cuja luz brilha além das trevas”<sup>14</sup>.*

Não encontramos o deleite irresistível de uma experiência direta e positiva, onde não há o menor traço de indefinição ou passividade?

Buda<sup>15</sup>, que desenvolveu o lado prático dos ensinamentos contidos nos Upanishades, pregou a mesma mensagem quando disse: “Em comunhão com tudo, seja acima ou abaixo, remoto ou perto, visível ou invisível, tu deverás preservar uma relação de amor ilimitado sem qualquer animosidade ou desejo de matar. Viver em tal consciência enquanto estiver de pé ou andando, sentado ou deitado até dormir, é viver Brahma vihāra, ou, em outras palavras, é viver, mover e regozijar-se no espírito de Brahma.”

O que é esse espírito? Os Upanishades dizem:

*“Não apenas no espaço, mas essa luz e vida, esse ser que tudo sente está em nossas almas. Ele está totalmente consciente no espaço, ou no mundo da extensão; e ele está totalmente consciente na alma, ou no mundo da intenção”.<sup>16</sup>*

Ser capaz de sentir tudo, estar consciente de tudo, é seu espírito. Nós estamos imersos em sua consciência corporal e espiritual. É por meio de sua consciência que o sol atrai a terra,

---

<sup>13</sup> “Içāvāsyamidam sarvam yat kiñcha jagatyāñ jagat. Yo dēvō'gnau y'ōpsu y'ō viçvambhuvanamāvivēça ya oshadhishu yōvanaspatishu tasmai dēvāya namōnamah”.

<sup>14</sup> “Çrinvantu viçve amritasya putrā ā ye divya dhāmāni tasthuh vedāhametampurusham mahāntam āditya varṇam tamasah parastāt”.

<sup>15</sup> N.T.: Há alguns milênios o hinduísmo tenta lidar com o fenômeno do budismo. Ora tratado como uma variação do mesmo tema (tal como Tagore o faz), ora tratado como um filho rebelde que abandonou o lar, podemos questionar se o budismo seria apenas uma seção do hinduísmo, ou se seria uma religião/filosofia própria. Embora optemos por esta última opção, é inegável que há várias importantes similaridades entre budismo e hinduísmo devido ao contexto originário, tal como há várias semelhanças entre judaísmo, cristianismo e islamismo – semelhanças estas que não suprimem a diferença entre estas religiões.

<sup>16</sup> “Yaçchāyamasminnātmani tējōmayō'mritamayah purushah sarvānubhūh”.

é através de sua consciência que as ondas de luz estão sendo transmitidas de um planeta para outro.

Não apenas pelo espaço, mas por essa luz e vida, esse ser que tudo sente está em nossa alma. Ele é o todo consciente no espaço, ou no mundo da extensão; e ele é o todo consciente na alma, ou no mundo da intenção.

Assim, para atingir nossa consciência de mundo, temos que unir nosso sentimento com o sentimento infinito que tudo permeia. Na verdade, o único verdadeiro progresso humano é coincidente com esta ampliação de sentimentos. Toda a nossa poesia, filosofia, ciência, arte e religião estão a serviço para estender o escopo de nossa consciência para esferas cada vez maiores. O homem não adquire direitos através da ocupação de espaços maiores, muito menos por condutas dirigidas ao exterior, mas seus direitos se estendem apenas na medida em que ele é real, e sua realidade é medida pelo crivo de sua consciência.

Precisamos, no entanto, pagar um preço pela obtenção da liberdade de consciência. Qual é esse preço? Dar a si mesma. Nossa alma só pode realizar-se verdadeiramente renunciando a si. Os Upanishades dizem:

“Não ganharás mediante a desistência / Não cobiçarás”.<sup>17</sup>

No Gita<sup>18</sup> somos aconselhados para que trabalhemos desinteressadamente, abandonado qualquer desejo pelo resultado. Por conta desse ensinamento, muitos estrangeiros concluíram que a concepção do mundo como algo irreal está na raiz do chamado desinteresse pregado na Índia. Mas o contrário é a verdade.

O homem que almeja seu próprio engrandecimento subestima todo restante. Comparado com seu ego, o resto do mundo é irreal. Consequentemente, para estar plenamente consciente da realidade do todo, é preciso libertar-se dos grilhões dos desejos pessoais. Precisamos passar por essa disciplina a fim de nos prepararmos para nossos deveres sociais - para compartilhar o fardo de nossos semelhantes. Todo esforço para alcançar uma vida mais ampla requer do homem “ganhar através da renúncia, e não ser ganancioso”. E, assim, expandir gradativamente a consciência individual em conjunto com os demais é a diligência da humanidade<sup>19</sup>. O Infinito na Índia não é nulidade tênue, vazia de conteúdo. Os Rishis da Índia afirmaram enfaticamente que:

---

<sup>17</sup> “Tyaktēna bhuñjīthāh / Mā gridhah”.

<sup>18</sup> N.T.: Referência ao famoso *Bhagavad Gita*, uma clássica seleção de alguns capítulos (23 ao 40) do Livro 6 do *Mahabharata*, um épico maior, que vários hindus usam como a consolidação mais completa dos ensinamentos de sua religião.

<sup>19</sup> N.T.: Na filosofia hindu existe uma diferença sutil entre o *ahamkāra* e o *ātman*. O primeiro é o ego, no sentido de status social, de aparências, de ilusões que contamos para nós mesmos, nossos apegos e desejos indiscriminados etc. O segundo é uma sutil apreensão de si como alguém que é-com [*Mitsein*] o *brahman*, que

*Conhecê-lo nessa vida é ser verdadeiro; não o conhecer nessa vida é a desolação da morte.*<sup>20</sup>

Como conhecê-lo, então?

*Percebendo-o em cada um e em todos.*<sup>21</sup>

Não apenas na natureza, mas na família, na sociedade e no estado, enquanto mais percebemos a Consciência-Mundo em tudo, melhor para nós. Falhando nessa tarefa, viramos nossos rostos em direção à destruição.

Sou preenchido pela alegria e de grandes esperanças em relação ao futuro da humanidade quando eu constato que houve um tempo, em um passado remoto quando nossos poetas-profetas sentaram sob o luxuoso amanhecer de um céu indiano e cumprimentaram o mundo com a felicidade tal qual parentes fazem entre si. Isso não foi uma alucinação antropomórfica. Não se tratava do homem espelhando imagens grotescamente exageradas em todos os lugares e o testemunho do drama humano tomando uma proporção gigantesca na arena da natureza sob luzes e sombras esvoaçantes. Muito pelo contrário, significava atravessar as barreiras limitantes do indivíduo, para se tornar mais que humano, para se tornar um com o Tudo. Não era meramente um jogo da imaginação, mas a libertação da consciência de toda mistificação e exageração de si. Esses antigos videntes sentiram na serenidade profunda de suas mentes a mesma energia que vibra e passa de formas infinitas pelo mundo, manifestando a si mesma no nosso ser interior enquanto consciência; e não há quebra na unidade. Para esses videntes, não havia lacuna em sua visão luminosa da perfeição. Jamais reconheceram nem mesmo a morte como a criadora, por si só, do vazio que de onde aflora a realidade. Eles falaram:

*Seu reflexo é tanto a morte quanto a imortalidade.*<sup>22</sup>

Eles não reconheceram nenhum elemento essencial na oposição entre a vida e a morte, e disseram de forma absolutamente asseguradora:

*É a vida que é a morte.*<sup>23</sup>

---

alguns traduzem de forma perigosa como “eu interior” ou “alma”. A “equação” clássica de boa parte do hinduísmo, representado de forma bem clara nas correntes que se seguem do Advaita Vedanta do filósofo e teólogo Shankara (séc. VIII da era comum), é “*ātman = brahman*”. Assim, Tagore está nos urgindo a deixarmos o *ahamkāra*, e obviamente não o *ātman*.

<sup>20</sup> “Iha chêt avēdit atha satyamasti, nachêt iha avēdit mahatī vinashtih”.

<sup>21</sup> “Bhūtēshu bhūtēshu vichintva”.

<sup>22</sup> “Yasya chhâyāmritam yasya mrityuh”.

<sup>23</sup> “Prāno mrityuh”.

Saudaram com a mesma serenidade da alegria a “vida em seu aspecto de aparecer e em seu aspecto de desaparecer – que aquilo que é passado está escondido na vida, e [também] o que está porvir<sup>24</sup>” Eles sabiam que o mero aparecimento e desaparecimento estão na superfície como ondas no mar, mas a vida que é perene não conhece decadência ou diminuição.

*Tudo surgiu da Vida Imortal e vibra com a vida / Pois a vida é imensa.* <sup>25</sup>

Essa é a nobre herança de nossos antepassados esperando para que a reclamemos, este ideal da liberdade suprema da consciência. Não é um conteúdo meramente intelectual ou emocional, mas uma base ética, que deve ser traduzida em ação. Nos Upanishades é dito que:

*O ser supremo está permeando tudo, logo ele é o bem inato em tudo.* <sup>26</sup>

Ser verdadeiramente um com o conhecimento, o amor, e a serviço de todos os seres, e assim realizar-se na onipermanência de Deus, é a essência da Bondade, está é a tônica dos ensinamentos do Upanishad:

*Prāṇo virāt*<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> “Namō astu āyatē namō astu parāyatē. Prāṇē ha bhūtam bhavyañcha”.

<sup>25</sup> “Yadidan kiñcha praṇa ejati nihsritam / Prāṇo virāt”. N.T.: Tagore cita este trechinho do *Bhagavata Purana*, um dos mais importantes textos devocionais escritos pelo poderoso filósofo e místico Vyasa, a quem os hindus também creditam o relato épico do *Mahabharata* (incluindo os capítulos do *Bhagavad Gita*).

<sup>26</sup> “Sarvavyāpī sa bhagavān tasmāt sarvagatah çivah”.

<sup>27</sup> “A vida é imensa”.